

Pensamentos e crenças a respeito do uso e do ensino das línguas faladas na localidade paranaense de Irati

Clarice Cristina CORBARI¹

Resumo: Este artigo apresenta resultados parciais de pesquisa sobre crenças e atitudes linguísticas manifestas por falantes de Irati, município paranaense que se caracteriza por apresentar um cenário sociolinguístico complexo. Para nortear este estudo, são utilizados princípios teórico-metodológicos da Sociologia da Linguagem, da Sociolinguística e da Psicologia Social referentes à análise de crenças e atitudes linguísticas. O corpus foi coletado por meio do projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato (AGUILERA, 2009). Do questionário de 48 perguntas, aplicados a dezoito entrevistados, foram selecionadas, para este trabalho, sete perguntas que revelam pensamentos e crenças a respeito do comportamento linguístico dos falantes e do ensino das línguas faladas na localidade. Os resultados mostraram, de modo geral, uma atitude de abertura em relação ao cultivo das línguas de herança, tanto no âmbito institucional (escola e igreja) como no âmbito das interações cotidianas.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas; Contexto multilíngue; Línguas de herança.

Abstract: This article presents partial results of research on linguistic beliefs and attitudes expressed by speakers from Irati, a city in Paraná that presents a complex sociolinguistic scenario. As guidelines for this study, we used the theoretical and methodological principles of Sociology of Language, Sociolinguistics and Social Psychology concerning the analysis of linguistic beliefs and attitudes. The corpus comes from the Project Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato (AGUILERA, 2009). From the questionnaire of 48 questions, applied to eighteen respondents, we selected seven questions that reveal thoughts and beliefs about the speakers' linguistic behavior and the teaching of the languages spoken in the town. The results showed, in general, an attitude of openness in relation to the cultivation heritage languages, both in the institutional sphere (school and the church) and in the sphere of everyday interactions.

Keywords: Linguistic beliefs and attitudes; Multilingual context; Heritage languages.

Introdução

O estado do Paraná apresenta um cenário sociolinguístico e cultural complexo, seja devido à colonização por descendentes de imigrantes de diversas etnias, seja devido aos contatos estabelecidos nas regiões fronteiriças a países hispano-americanos. Tal realidade enseja o estudo não apenas das línguas em contato, mas também das crenças e atitudes relacionadas a essas línguas e a seus usuários, já que se trata de cenário propício para estudo de manifestações tanto positivas (prestígio linguístico) quanto negativas (desprestígio linguístico) dos informantes frente aos falares locais.

Neste artigo, objetiva-se apresentar alguns resultados de pesquisa descritiva sobre crenças e atitudes linguísticas, realizada na

¹ Doutoranda pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Cascavel – PR. Correio eletrônico: ccorbari@yahoo.com.br

localidade paranaense de Irati, cuja população é formada pela mescla de diferentes etnias de origem europeia, especialmente ucranianos e poloneses. Entende-se que o estudo das crenças e atitudes linguísticas presentes nessa localidade multilíngue é pertinente pela possibilidade de fornecer indícios para a análise do comportamento linguístico dos falantes em relação à variação, revelando os elementos que atuam nas relações sociais entre os diferentes grupos.

O artigo se estrutura da seguinte maneira: primeiramente, descreve-se brevemente a localidade de Irati no que concerne à questão linguística; em segundo lugar, apresenta-se uma breve discussão teórica sobre crenças e atitudes; em seguida, descreve-se a metodologia; segue-se a análise do recorte selecionado para este artigo e, por fim, as considerações finais.

A localidade de Irati

O município de Irati localiza-se na mesorregião sudeste do Paraná, que teria sido inicialmente povoada por indígenas caingangues e posteriormente ocupada por tropeiros bandeirantes. A primeira leva de colonos estrangeiros, constituída por holandeses, ucranianos e poloneses, só chegou a Irati em 1908, um ano após a elevação da localidade à categoria de Município. Em 1909, chegaram os alemães, e de 1910 a 1912, mais poloneses e ucranianos se instalaram na localidade. Também a partir de 1910, começaram a se fixar os imigrantes italianos (ORREDA, 2007).

Devido a essa característica da colonização por descendentes de imigrantes europeus, Irati constituiu-se como um ambiente bastante tradicional, voltado à manutenção da língua, cultura e identidade desses grupos étnicos. Merecem destaque, como elementos que colaboram para a difusão das línguas e culturas dos descendentes de imigrantes, os órgãos de imprensa e os eventos religiosos e folclóricos, dentre outros.

No caso dos órgãos de imprensa, pode-se citar a Rádio Najuá, que apresenta, aos domingos pela manhã, dois programas de cunho étnico: "Hora das nações", cuja proposta é a valorização de etnias que predominam no município – alemã, italiana, portuguesa e ucraniana, uma a cada mês –, executando músicas populares e folclóricas; e "Godzina Polska" (em polonês, "Hora da Polônia"), espaço dedicado às

músicas polonesas e às notícias sobre a Polônia². Na imprensa escrita, destaca-se o jornal *Prácia*, de Prudentópolis, município vizinho a Irati. Jacumasso (2009) informa que esse periódico foi criado em 1912 com a finalidade de difundir a cultura ucraniana, publicando quinzenalmente informações em língua portuguesa e em língua ucraniana sobre diversos temas, principalmente, relacionados a questões religiosas.

No calendário de eventos de Irati, destacam-se: a Festa Polonesa, realizada anualmente em maio; a Festa das Nações, realizada anualmente em agosto, destinada a celebrar as culturas que fizeram parte da colonização do município; e o festival alemão *Deutsches Fest* – Baile do Chopp e da Linguça –, sempre no mês de novembro. Além disso, Irati conta com dois grupos folclóricos, criados com o objetivo de cultivar as tradições, costumes e festas de cada nacionalidade representada: o Grupo Folclórico Polonês Lublin e o Grupo Folclórico Ucraniano Ivan Kupalo³.

Não se pode deixar de mencionar, em especial, o papel da religião nesse cenário, pois se trata de uma característica bastante expressiva nos povos de origem eslava. Conforme informa Wachowicz (1982), tanto os poloneses, católicos, quanto os ucranianos, da vertente ortodoxa ou católica oriental, eram dotados de um profundo sentimento religioso e influenciaram sobremaneira a caracterização étnica dessa região do estado. A igreja, ainda hoje, colabora para a manutenção da língua e da cultura dos grupos de origem eslava, com seus diversos eventos: as missas do rito ortodoxo rezadas em ucraniano; os ritos natalinos e pascoais de descendentes de ucranianos e de poloneses; as *hailkas* dos ucranianos, que são brincadeiras, com cantos e danças populares, realizadas durante o período pascal; as cerimônias de casamento dos ucranianos, dentre outros.

Todos esses elementos, aliados aos símbolos materiais – como a arquitetura religiosa ucraniana, os artefatos e a culinária típica das diferentes etnias, por exemplo – atuam no sentido de reforçar a identidade étnica dos diversos grupos, colaborando para a preservação de sua língua e cultura.

2 Informação disponível em: <<http://home.radionajua.com.br/AM/programacao>>. Acesso em: 19 set. 2011.

3 Dados disponíveis no Portal da Prefeitura de Irati, <<http://www.irati.pr.gov.br>>. Acesso em: 20 set. 2011.

Fundamentação teórica

O estudo das crenças e atitudes linguísticas pode se beneficiar das contribuições de três grandes áreas: a Psicologia Social, a Sociolinguística e a Sociologia da Linguagem. A contribuição da Psicologia Social reside em fornecer subsídios para o estudo dos papéis que os motivos, as crenças e a identidade exercem no comportamento linguístico do indivíduo. Para essa disciplina, as atitudes constituem um complexo fenômeno psicológico que se reveste de grande significado social (LAMBERT; LAMBERT, 1966). Já a Sociolinguística tem entre suas funções a tarefa de pesquisar a diferença entre a maneira como as pessoas fazem uso da(s) língua(s), bem como suas crenças a respeito de seu próprio comportamento linguístico e o dos demais falantes. Para essa disciplina, a importância do estudo das atitudes linguísticas reside no fato de que elas, além de revelarem múltiplos aspectos para melhor entendimento de uma comunidade, influem decisivamente nos processos de variação e mudança linguística, bem como afetam a eleição de uma língua em detrimento de outra e o ensino-aprendizagem de línguas nessa comunidade (MORENO FERNÁNDEZ, 1998; GÓMEZ MOLINA, 1996; BLANCO CANALES, 2004). Por sua vez, a Sociologia da Linguagem focaliza toda a gama de tópicos relacionados à organização social do comportamento linguístico, incluindo não apenas o uso da língua em si, mas também as atitudes explícitas em relação à língua e aos seus usuários (FISHMAN, 1972).

Todos nós, em nossos contatos sociais, formamos constantemente impressões a partir daquilo que observamos nos outros, ou seja, do seu comportamento social, cultural ou linguístico. Segundo Padilla (1999), é sobre essas observações – e interpretações que delas tecemos – que fazemos atribuições que formam a base de nossas atitudes, as quais, por sua vez, influenciam nosso comportamento em relação aos membros de nosso ou de outro grupo social. No que se refere ao comportamento linguístico, Calvet (2002, p. 72) observa que “existe na sociedade o que poderíamos chamar de olhares sobre a língua, de imagens da língua, em uma palavra, **normas** que podem ser partilhadas por todos ou diferenciadas segundo certas variáveis sociais [...] e que geram sentimentos, atitudes, comportamentos diferenciados” (grifo do autor).

Os psicólogos Lambert e Lambert (1966) nos ajudam a entender

o conceito de atitude, que também pode ser aplicado às atitudes linguísticas, e seus componentes essenciais:

Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. Dizemos que uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo interrelacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p.77-78).

Como vimos, Lambert e Lambert (1966) definem três componentes da atitude: pensamentos e crenças, sentimentos ou emoções, e tendências de reação. No entanto, não há consenso entre os pesquisadores quanto à estrutura componencial da atitude. Bem (1973), por exemplo, acrescenta o componente social. Para o autor, as crenças e atitudes humanas se fundamentam em quatro atividades do homem – pensar, sentir, comportar-se e interagir com os outros –, que correspondem aos quatro fundamentos psicológicos das crenças e atitudes – cognitivos, emocionais, comportamentais e sociais. Já López Morales (1993) identifica na atitude apenas o componente conativo, separando o conceito de crença do de atitude e os situando em níveis diferentes: as crenças dão lugar a atitudes diferentes; estas, por sua vez, ajudam a conformar as crenças, juntamente com os elementos cognoscitivos e afetivos, tendo em conta que as crenças podem estar baseadas em fatos reais ou podem não estar motivadas empiricamente.

As abordagens das atitudes refletem o conceito que se tem de atitude. Duas perspectivas sobressaem: (a) a mentalista, que concebe a atitude como uma entidade complexa, compreendendo os elementos cognitivo ou cognoscitivo, afetivo e conativo – embora, como lembra Moreno Fernández (1998), existam discrepâncias no interior dessa abordagem para determinar como se relacionam entre si esses elementos –, e (b) a behaviorista ou condutista, em que a atitude é composta de um elemento único, geralmente afetivo ou de valoração.

Conforme descrevem alguns autores (GÓMEZ MOLINA, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; BLANCO CANALES, 2004), para a perspectiva mentalista, de natureza psicológica, a atitude é uma disposição mental em relação a condições ou fatos sociolinguísticos

concretos, razão pela qual não é possível medi-la ou observá-la diretamente, mas apenas deduzi-la a partir de certa informação psicossociológica, sendo necessário recorrer a técnicas indiretas para desvelar algo tão intangível como um estado mental. Já a concepção condutista ou behaviorista interpreta a atitude como uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo – uma variedade linguística, por exemplo –, de modo que pode ser observada diretamente a partir do comportamento do indivíduo dentro de certas situações sociais.

No âmbito das atitudes de forma geral, as atitudes linguísticas constituem uma categoria particular, uma vez que o objeto da atitude não são as línguas, mas os grupos que as falam. As atitudes linguísticas representam, assim, um componente fundamental da identidade linguística do falante e possibilitam a leitura e compreensão do próprio comportamento linguístico. Nessa perspectiva, o estudo das crenças e atitudes linguísticas precisa estar fundamentado na relação entre língua e identidade étnica, pois, segundo Liebkind (1999), usar a língua influencia a formação da identidade de grupo, que, por sua vez, influencia os padrões de atitude e uso linguísticos.

Para Moreno Fernandez (1998), as atitudes linguísticas têm a ver com as línguas mesmas e com a identidade dos grupos que as manejam. Existe, portanto, uma estreita relação entre língua e identidade, que, não raro, manifesta-se nas atitudes dos indivíduos em relação a essas línguas e a seus usuários. Uma variedade linguística pode ser interpretada como um traço definidor da identidade, daí que as atitudes em relação aos grupos com certa identidade sejam em parte atitudes em relação às variedades linguísticas usadas nesses grupos e em relação aos usuários de tais variedades (MORENO FERNÁNDEZ, 1998; GROSJEAN, 1982). Nesse sentido, as “atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado” (TARALLO, 1985, p. 14). Aguilera (2008) alinha-se a esse pensamento ao afirmar que a língua não está desvinculada de seu contexto social, principalmente na sua condição de aspecto constituidor da identidade de um determinado grupo étnico. Decorre daí que, “na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente”

(AGUILERA, 2008, p. 106). É a língua que simboliza os limites que separam o “nós” e os “outros”, uma vez que a língua que falamos identifica a nossa origem, nossa história, nossa cultura, o grupo a que pertencemos.

Descrição da metodologia

Este artigo toma como *corpus* parte dos *corpora* do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (AGUILERA, 2009), cujo objetivo era a coleta de dados referentes a crenças e atitudes linguísticas de falantes de regiões de fronteira e imigração, no Paraná. O projeto envolveu oito municípios paranaenses, sendo seis municípios fronteiriços ao Paraguai e à Argentina e dois municípios situados na região central do estado, dentre os quais Irati.

O aporte metodológico das pesquisas sobre crenças e atitudes linguísticas advém principalmente da Psicologia Social, já que essa área foi pioneira em investigar aspectos dessa natureza. Para o projeto em questão, adotou-se uma metodologia baseada na teoria mentalista, na perspectiva de que, conforme Blanco Canales (2004), apesar das evidentes desvantagens da proposta mentalista, que demanda um mecanismo que permita inferir e medir as atitudes, é a mais bem aceita devido à sua capacidade de prever o comportamento verbal e, portanto, converter-se em modelos sistemáticos.

Quanto ao instrumento de coleta de dados, optou-se pela orientação de Lambert e Lambert (1966), que propõem medir as atitudes por meio de um questionário com itens elaborados de modo a representar os três componentes da atitude: o cognitivo ou cognoscitivo, o afetivo e o conativo. No âmbito específico dos estudos das atitudes linguísticas, o componente cognitivo refere-se àquilo que se sabe sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico; o componente afetivo refere-se ao sentimento frente ao que se sabe a respeito de uma língua, variedade ou grupo linguístico; e o componente conativo refere-se à predisposição para agir frente ao que se sabe e sente sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico. Desse modo, elaborou-se um questionário para as entrevistas com base em tais critérios, adaptados à realidade sociolinguística e cultural das comunidades de

fala investigadas, com 48 perguntas específicas para avaliar crenças e atitudes linguísticas em relação às línguas em contato e ao português de cada localidade.

Para a seleção dos informantes, foram consideradas três dimensões, a saber: (a) a dimensão diageracional, contemplando três faixas etárias: 18 a 30 anos, 31 a 50 anos, e 51 a 70 anos; (b) a dimensão diastrática, optando-se pela escolaridade como parâmetro definidor de classe social, resultando na definição de três níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior; e (c) a dimensão diassexual, contemplando sujeitos dos gêneros/sexos feminino e masculino. Da combinação das variáveis resultou a seleção de dezoito informantes para cada localidade pesquisada.

Para o desenvolvimento da análise aqui empreendida, foram selecionadas as questões do questionário que dizem respeito à medição do componente cognitivo das atitudes, isto é, daquilo que se sabe sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico. O recorte utilizado corresponde, então, às seguintes perguntas: (14) Quando você se aproxima dos poloneses, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?; (15) Quando você se aproxima dos ucranianos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?; (16) Quando você se aproxima dos italianos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?; (17) Quando você se aproxima dos alemães, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?; (22) Você acha que deveriam proibir o uso destas línguas em lugares públicos aqui em Irati?; (23) Na igreja, no templo, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?; e (24) A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?

Tais perguntas, como se pode ver, revelam pensamentos e crenças dos informantes a respeito do comportamento social dos falantes e da conveniência ou não do uso em público e do ensino das línguas faladas na localidade. As questões 22, 23 e 24 situam-se, na verdade, no limite entre a categoria de pensamentos e crenças e a de tendências de reação, uma vez que o informante também manifesta uma reação: proibir ou não proibir, incluir ou não incluir etc. No entanto, por terem o caráter de identificar opiniões do informante, as perguntas do tipo “você acha que...?” podem ser situadas mais na ordem das crenças com relação ao uso e ensino das línguas.

Por fim, cabe esclarecer que, no tocante à denominação dos falantes, o uso de designações como 'alemão', 'ucraniano' etc. não se refere propriamente à nacionalidade desses falantes, mas à sua origem étnica, ou seja, são filhos ou netos de alemães, ucranianos etc. A opção por essas designações se justifica pelo fato de os próprios descendentes – e isso não só nas comunidades pesquisadas – autodenominarem-se dessa forma, para se distinguirem dos "brasileiros", isto é, daqueles nascidos no Brasil e sem descendência europeia.

Análise dos dados

Com relação às primeiras questões do recorte deste estudo, "Quando você se aproxima dos poloneses/ ucranianos/ italianos/ alemães, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?", os resultados foram bastante semelhantes para as diferentes etnias, sugerindo um comportamento mais ou menos homogêneo nesse sentido.

Sobre o comportamento dos poloneses, seis informantes (33,33%) disseram que eles param de falar em polonês quando alguém se aproxima do grupo e oito (44,44%) disseram que continuam falando. Um informante (5,55%) disse que, a depender da situação, eles param para que todos possam interagir, ou continuam, para que os que não pertençam ao grupo não entendam o que está sendo falado. Um informante (5,55%) não sabia dizer, e a dois informantes (11,11%), a pergunta não foi formulada.

Com relação ao comportamento dos ucranianos, dez informantes (55,55%) disseram que os membros desse grupo étnico continuam a conversar em ucraniano quando alguém se aproxima deles, e na percepção de cinco informantes (27,77%), os ucranianos param de conversar em sua língua de herança em tal situação. Dois informantes (11,11%) responderam que o comportamento dos ucranianos varia, a depender da situação: às vezes, param, porque se sentem inibidos por conversarem em língua estrangeira na presença de alguém que se aproxima do grupo; outras vezes, é a faixa etária do grupo que determina seu comportamento, sendo que os mais velhos continuam falando, e os mais jovens param de falar nessa situação. A um informante (5%), o inquiridor, por descuido, fez duas vezes a pergunta

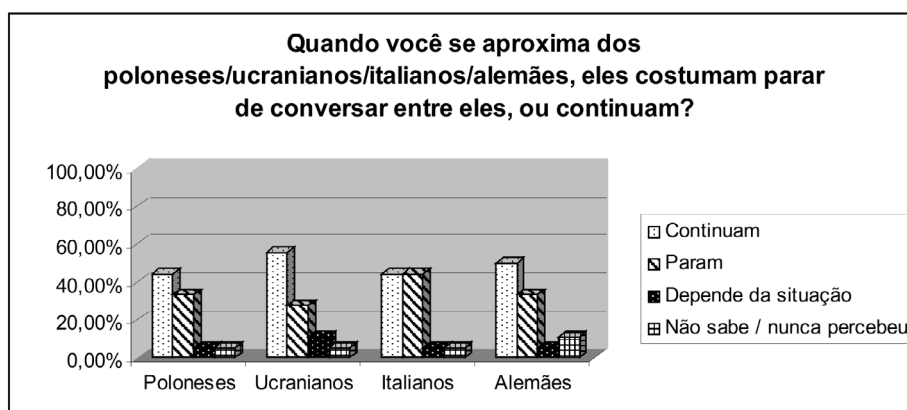
sobre o comportamento dos ucranianos, obtendo respostas diferentes nas duas ocasiões, de modo que sua resposta, por revelar contradição de opiniões, foi aqui considerada na categoria “não sabe”.

No que diz respeito ao comportamento dos italianos, oito informantes (44,44%) responderam que eles continuam conversando em italiano e oito (44,44%) disseram que eles param de conversar em sua língua de herança ao perceberem a aproximação de alguém. Um informante (5,55%) disse não saber se os italianos param ou continuam a falar em italiano quando alguém se aproxima do grupo e um (5,55%) relatou que, dependendo da situação, param de falar, e outras vezes continuam.

Finalmente, quanto ao comportamento dos alemães, metade dos informantes (50%) respondeu que eles continuam conversando em alemão quando alguém se aproxima deles e seis (33,33%) disseram que os alemães param de falar em alemão nessa situação. Um informante (5,55%) disse que, dependendo da situação, param de falar em alemão e outras vezes continuam. Dois informantes (11,11%) afirmaram nunca terem presenciado uma situação em que um grupo de pessoas estivesse falando em alemão.

O gráfico a seguir mostra os resultados comparativos das primeiras questões deste bloco. Para este gráfico, foram desprezadas as porcentagens referentes a perguntas não formuladas (caso que só ocorreu na pergunta sobre os poloneses).

Gráfico 1: Percepção dos informantes sobre o comportamento social e linguístico dos falantes dos diversos grupos étnicos quando alguém se aproxima do grupo



No grupo de questões acima descritas, notam-se, nas respostas de muitos informantes, dois aspectos que merecem ser destacados. Se, de um lado, há uma percepção positiva do fato de os grupos

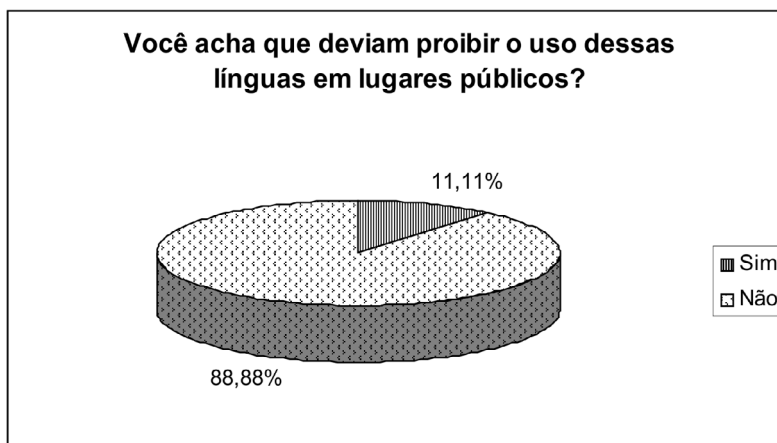
interagirem em suas línguas de herança, como a demonstrar orgulho por ainda manterem a língua dos antepassados ou por saberem uma língua estrangeira, de outro, insinua-se uma percepção negativa, que pode ser traduzida (a) pelo desconforto de não entender nada do que o outro está dizendo em outra língua que não a sua; (b) pela sensação de que estão falando mal da pessoa que não compartilha da língua do grupo; e, intimamente ligado a esse aspecto, (c) pelo sentimento de falta de respeito do grupo que continua falando em língua estrangeira na presença de um circunstante que não domina essa língua.

Sobre o que pensa o informante em relação à proibição do uso das línguas estrangeiras faladas na comunidade em lugares públicos, apenas dois informantes (11,11%) opinaram no sentido de proibir as pessoas de usarem suas línguas de herança em público, demonstrando novamente uma preocupação de estar falando “mal” da pessoa quando se usa uma língua desconhecida do ouvinte. Os demais informantes (88,88%) responderam que não proibiriam o uso das línguas de herança em público, alguns até mesmo de forma enfática, geralmente salientando a importância da manutenção da cultura ou salvaguardando o direito de livre expressão.

Transparece, nas respostas a essa questão, um vínculo estabelecido pelos informantes entre língua e identidade étnica, na medida em que se expressa que a herança linguística “faz parte da cultura da gente” (Inf. 4), “isso aí é da cultura, né, de cada povo” (Inf. 5), “isso aí é... tradicional, vem de família” (Inf. 17). Tais afirmações denotam um sentimento de pertença, principalmente por meio do compartilhamento de uma língua, a uma determinada comunidade culturalmente coesa e coerente, sentimento que, como afirma Hall (2006), é histórica e discursivamente construído, já que tal comunidade é “imaginada”.

O gráfico a seguir permite visualizar melhor os resultados quanto à posição dos informantes a respeito da proibição ou não do uso das línguas estrangeiras em locais públicos, mostrando que a maioria dos entrevistados acha natural e conveniente que as pessoas conversem publicamente em suas línguas de herança.

Gráfico 2: Crenças dos informantes sobre o uso de línguas estrangeiras em lugares públicos de Irati



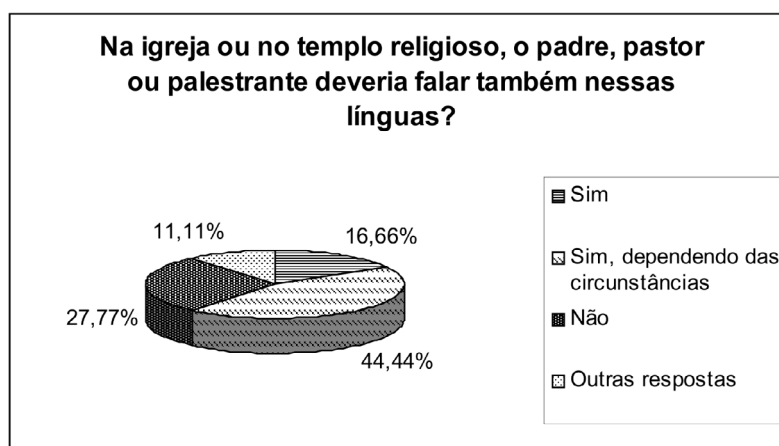
Na questão em que o informante deveria se manifestar sobre a conveniência ou não do uso das línguas estrangeiras na igreja ou no templo religioso, ou seja, se o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessas línguas faladas na comunidade, três informantes (16,66%) responderam afirmativamente, sem qualquer ressalva. Apenas um desses informantes apresentou justificativa, baseada no argumento da manutenção das línguas de herança, reforçando a crença no papel da igreja de colaborar para que isso aconteça. Oito informantes (44,44%) igualmente responderam que os líderes religiosos deveriam falar também nas línguas de herança dos fiéis, mas apresentaram ressalvas, relacionadas principalmente à limitação do uso das línguas de herança a quem as entender, ou seja, no interior das comunidades dos diferentes grupos étnicos. Um desses informantes fez referência à manutenção da tradição ainda preservada entre os ucranianos de rezarem a missa na língua de herança – como um elemento do ritual católico ortodoxo seguido pelos ucranianos de modo geral –, não vendo a necessidade de membros de outras etnias cultuarem as respectivas línguas de herança nos eventos religiosos (culto ou missa), sugerindo que já estão perfeitamente integrados nesse aspecto.

Ainda sobre essa questão, cinco informantes (27,77%) responderam que os líderes religiosos deveriam usar somente o português com os fiéis, mas apenas um deles justificou, dizendo que a igreja católica de rito romano já estabelece que as cerimônias sejam em língua portuguesa, embora na sequência de sua resposta, esse informante dê margem a uma flexibilização quanto ao uso da língua

de herança em eventos religiosos de maior importância. No entanto, para fins estatísticos, considerou-se sua primeira resposta. Finalmente, outros dois informantes (11,11%) responderam que essa é uma prática comum em Irati, referindo-se aos ucranianos. Um deles, porém, informa que parte da missa ucraniana já está sendo feita em português, e algumas vezes, a missa é realizada toda em português, indicando uma mudança em termos de uso da língua ucraniana nessa esfera. Resultado semelhante foi encontrado por Ogliari (2003) no município vizinho de Prudentópolis, cuja população é majoritariamente de origem ucraniana. Esse autor observou que, “nas cerimônias religiosas, os que não dominam mais a linguagem ucraniana das liturgias, mas continuam a pertencer à religião católica ucraniana, permanecem em silêncio”, de modo que “a utilização da língua ucraniana na liturgia, seu domínio primeiro e absoluto em Prudentópolis, está-se tornando, de fato, monopólio de poucos” (OGLIARI, 2003, p. 1079).

No gráfico a seguir, é possível visualizar os resultados da última questão analisada. Se considerarmos as respostas positivas, com ou sem ressalvas, vemos que mais da metade dos informantes crê que as línguas estrangeiras devam ser usadas no interior das instituições religiosas para comunicação com os fiéis.

Gráfico 3: Crenças dos informantes sobre o uso de línguas estrangeiras pelos líderes religiosos na igreja ou no templo



Na última pergunta deste recorte, o informante deveria se manifestar sobre o ensino formal das línguas estrangeiras ouvidas na comunidade, e, em caso afirmativo, dizer qual delas ele crê que deva ser ensinada e por quê. Onze informantes (61,11%) responderam que a escola deveria ensinar as línguas estrangeiras faladas na comunidade,

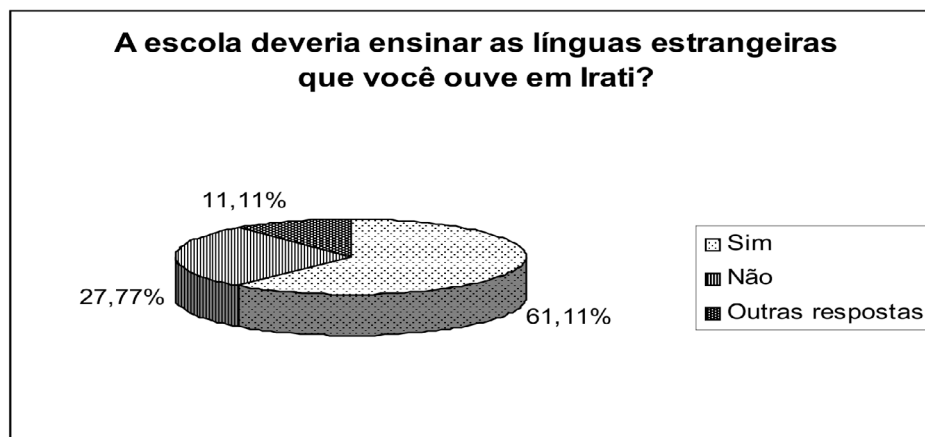
ou uma delas. A maioria dos critérios apresentados para a eleição das línguas a integrarem o currículo dizia respeito à predominância dessas línguas na comunidade, as quais deveriam ser ensinadas como forma de resgate à cultura e de respeito à diversidade étnica.

Cinco informantes (27,77%) responderam explicitamente que a escola não deveria ensinar as línguas faladas na localidade, ou que deveria apenas ensinar o português (ou a “língua brasileira”). As justificativas apresentadas faziam referência à inviabilidade de o currículo comportar as várias línguas, e quando necessária a inclusão de uma língua estrangeira no currículo, à opção preferencial pelas línguas de comunicação internacional na atualidade (inglês e espanhol). No caso da referência ao português, um informante defendeu necessidade de se priorizar o seu ensino porque as crianças “não sabem falar” sua língua materna.

Finalmente, dois informantes (11,11%) deram outras respostas: um informante concordou que as línguas estrangeiras devam ser ensinadas, mas deixou implícito que se referia apenas ao inglês, e não às línguas de herança da localidade, embora a pergunta do inquiridor fizesse menção somente a estas; outro informante também fez menção ao inglês e ao espanhol, a exemplo de outros informantes, sinalizando para uma atribuição maior de importância ao fator utilitário (aprendizagem das línguas de comunicação internacional) que ao fator cultural (preservação das línguas de herança).

O gráfico a seguir permite visualizar os resultados dessa questão, mostrando uma opinião de modo geral favorável à inclusão das línguas de herança no currículo escolar.

Gráfico 4: Crenças dos informantes sobre a inclusão das línguas estrangeiras no currículo escolar



Comparando os resultados apresentados no gráfico acima com os do gráfico 3, nota-se que há coerência nas opiniões dos informantes, mostrando um “equilíbrio” na crença dos papéis das duas instituições (escola e igreja) na manutenção das línguas de herança da comunidade.

Algumas considerações

Resumindo os resultados apresentados neste artigo, transparece, de modo geral, uma atitude de abertura em relação ao cultivo das línguas de herança, tanto no âmbito institucional (escola e igreja) como no âmbito das interações cotidianas. Nas questões que objetivam identificar crenças dos informantes a respeito do comportamento linguístico e social dos falantes das diversas etnias com relação ao uso de suas línguas de herança na interação com membros do mesmo grupo étnico, quando alguém que não pertença a esse grupo se aproxima, a percepção maior é de que eles continuam a conversar na língua estrangeira, embora muitos informantes não tenham vivenciado tal situação. Referente à proibição ou não do uso das línguas de herança dos imigrantes em lugares públicos em Irati, a maioria acredita que elas não devam ser proibidas, sempre no sentido de preservar o direito de expressão, inclusive na língua de herança (como fator de identidade). Quanto à conveniência ou não de os líderes religiosos usarem também essas línguas nos serviços religiosos, quase dois terços dos entrevistados manifestam uma opinião favorável de que as línguas de herança sejam usadas, limitadas, porém, à capacidade de entendimento da totalidade dos fiéis. Resultados semelhantes (quase dois terços de opinião favorável) foram identificados com relação à inclusão das línguas de herança no currículo escolar.

Se, como propõem Lambert e Lambert (1966) e outros estudiosos, a atitude se constitui de três componentes colocados no mesmo nível – o saber ou crença (componente cognoscitivo), a valoração (componente afetivo) e a conduta (componente conativo) – pode-se dizer, conforme Aguilera (2008, p. 106), “que a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística.” Nesse sentido, se entendermos que as questões de caráter cognoscitivo atuam coerentemente com as de

caráter afetivo e de conduta, os resultados deste estudo permitem prever – embora isso não constitua foco deste trabalho – que os julgamentos dos falantes de Irati sobre a fala do outro, bem como suas atitudes em relação a ela, serão majoritariamente favoráveis, ou seja, de prestígio das línguas de herança e da cultura dos diferentes grupos étnicos na comunidade.

Entende-se que a importância do componente cognoscitivo em relação aos componentes afetivo e conativo reside no fato de representar a consciência sociolinguística do falante, fazendo intervir seus conhecimentos e pré-julgamentos a respeito de sua própria fala, da fala do outro e dos falantes de cada língua ou variedade. É a partir desse conhecimento que o falante vai demonstrar seu sentimento em relação a uma língua, variedade ou grupo linguístico, e é a partir desses dois componentes que o falante vai, então, agir – ou demonstrar predisposição para agir – em relação a essa língua, variedade ou grupo linguístico.

Referências

AGUILERA, V. de A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio/ago. 2008.

AGUILERA, V. de A. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo da relação do português com línguas de contato. 2009. [Projeto desenvolvido pela autora].

BEM, D. J. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. Trad. Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1973. (Coleção Ciências do Comportamento).

BLANCO CANALES, A. **Estudio sociolinguístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.

CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

FISHMAN, J. A. **The sociology of language**: an interdisciplinary social science approach to language in society. Rowley, Massachusetts: Newbury, 1972.

GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA – ALFAL, 11., 1996, Las Palmas de Gran Canaria. **Actas...**, Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996. v. 2, p. 1027-

1042.

GROSJEAN, F. **Life with two languages**: an introduction to bilingualism. Harvard: Harvard University Press, 1982.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JACUMASSO, T. D. **Diversidade linguística, cultural e políticas linguísticas**: estudo de uma comunidade ucraniana de Irati/PR. 2009. 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2009.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LIEBKIND, K. Social Psychology. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). **Handbook of language and ethnic identity**. New York: Oxford University Press, 1999. p. 140-151.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1993.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

OGLIARI, M. M. Contato, diglossia e bilinguismo: situações linguísticas gestadas em Prudentópolis-PR. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL – CELSUL, 5., 2003, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, 2003. p. 1075-1082.

ORREDA, J. M. **Irati, teu nome é história**: revista do centenário. Irati: O debate, 2007.

PADILLA, A. M. Psychology. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). **Handbook of language and ethnic identity**. New York: Oxford University Press, 1999. p. 109-121.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. 5. ed. Curitiba: Vicentina, 1982.

Recebido em 28 de novembro de 2011.

Aceito em 17 de março de 2012.